

## Culturas e Conhecimentos Disciplinares

Rebeca Brandão

### UM BRINQUEDO COMO COR, NÚMERO, TAPETE, PRATO E BANDEJA: OS DIVERSOS *ESPAÇOSTEMPOS*<sup>(1)</sup> DE *ENSINOAPRENDIZAGEM*



A imagem acima traz um fragmento do cotidiano escolar, do qual eu participo enquanto estagiária. A escola é pública e se localiza na zona norte do Rio de Janeiro. A turma é formada por crianças entre 4 e 5 anos de idade, que, em sua maioria, estão em seu primeiro ano de convívio no contexto escolar. O objetivo proposto pelo próprio estágio de observar e relatar acerca daquele contexto, me fez realizar muitas análises, das quais, principalmente, as que se referem ao *espaçotempo* me chamaram muito a atenção.

Minha proposta não está em analisar as condições físicas do prédio. Para além disso, a rotina estabelecida pelo planejamento escolar é que implica nos usos daqueles espaços. O incomodo foi tamanho e, por isso, me arrisquei em questionar à professora regente, ainda que com receio de “criar” um clima desfavorável para a realização do meu estágio, a razão de em nenhum momento daquele

planejamento os alunos não irem ao pátio, ou terem contato com o ambiente arborizado, ou irem ao parque. As razões citadas envolviam as obras, mas também o que fora sutilmente “imposto” à professora, como orientações da direção.

É pensando acerca da influência que as arquiteturas escolares exercem no currículo, com o apoio de Frago e Escolano (2001), e sobre o que Alves (1998) sugere na seguinte afirmação: *Inquestionavelmente a problemática espacial “caberia” em todos os temas indicados, e talvez especialmente na de currículo oculto* (p. 139) é que também pensei sobre o contexto que vivencio. Pois apesar de este currículo estar predisposto, via naquele contexto as saídas ou táticas ora pensadas pela professora, ora pelos estudantes, para aquela rotina enfadonha para as crianças no primeiro ano escolar disposto na arquitetura daquela sala, mas também na rotina imposta (horário para o banheiro, para beber água, para lanchar, para brincar, etc.).

Assim, o horário para a brincadeira livre, apesar de ter de ser em sala de aula, é pensado com a preocupação da abertura do maior espaço possível para as crianças e com a preocupação com os brinquedos.

Já se sabe que para os brinquedos são atribuídas diferentes significações pelas crianças. Desta forma, esta fotografia registra um dos dias em que aquele brinquedo obteve das crianças uma significação antes proposta pedagogicamente.

O brinquedo é um tapete emborrachado que forma a seqüência de números e letras com diferentes cores. Desde que eu estava lá, os usos feitos por aquele brinquedo estiveram relacionados a tapetes, pratos, bandejas, entre outros, pelas crianças. Naquele dia, um grupo de estudantes decidiu encaixar todas aquelas peças para verem no que “daria”. Foi aí que eu “entrei na brincadeira”, pois eles pediram minha ajuda. Receosa por interferir numa brincadeira proposta para ser livre, interagi de forma que eles conduzissem

tudo. Revimos ali os primeiros conteúdos do planejamento, ainda que com a minha interferência, como os números, as cores e as letras. Montamos uma “amarelinha” e a brincadeira foi muito gostosa. Nos dias seguintes, a brincadeira com o tapete emborrachado não voltaram a ser aquela. Certamente os *usos* foram outros.

Esta experiência sinalizou para o fato de que nem sempre o que o planejamento não prevê é vazio de saberes (sejam eles populares, ou hegemônicos), como as brincadeiras, que foram tidas como uma saída para a rotina e de forma vazia para a construção de saberes.

Assim, também vale citar que são tecidos pelos *praticantes* (Certeau, 1994) diversos *espaçostempos de ensinoaprendizagem*(2) de acordo com os usos feitos tanto dos espaços, mas também dos objetos, que são influenciados por determinado aspecto daquele momento histórico-político-social.

(1)Esse modo de escrever este e outros termos – como “ensinoaprendizagem”, “prácticateoriaprática”, “dentrofora”, etc. – são utilizados nos estudos no campo do Cotidiano e deve-se a compreensão de que na Modernidade a ciência foi criada por dicotomias e que é necessário superar tais concepções por entendermos a indissociabilidade dos mesmos.

(2)É desta forma que Certeau denomina as pessoas que estão nos tantos cotidianos ocupando os espaços dominados com os usos do que lhes é posto para consumo. Nesse processo criam e recriam seus usos.

.....

√ *Rebeca Brandão: Aluna de Pedagogia da UERJ. Bolsista no Laboratório Educação e Imagem.*

***Referências bibliográficas (ou textuais):***

- ALVES, Nilda. *O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- CERTEAU, Michel. de. *A invenção do cotidiano - artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ESCOLANO, Agustín; FRAGO, Antonio Viñao. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. [tradução Alfredo Veiga-Neto]. 2 edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.